

MISSIONAÇÃO DOMINICANA - A FUNDAÇÃO DA PROVÍNCIA DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO DAS FILIPINAS

Julietta Maria Aires de Almeida ARAÚJO *

Do mesmo que em terras descobertas pelos Portugueses, também nos novos domínios castelhanos os frades da Ordem de S. Domingos empregaram muito do seu esforço no vasto campo da missão. Esta tentativa de difusão da Palavra divina começou cedo, muito embora os dissabores fossem muitos e as dificuldades de toda a espécie fizessem perigar as esperanças. Tal como Portugal, Castela nascera embalada num sonho de missão. Reino escolhido por Deus, reservara a si próprio a realização da salvação da Cristandade, que temia atacada pelos mais temíveis inimigos, tanto espirituais como materiais. Os primeiros personificavam no Mal a sua principal tentativa de subjugação, pois com o desenrolar da evangelização a fé de Jesus Cristo seria propagada e o paganismo, a superstição e o erro sofreriam um retrocesso¹. Os segundos consubstanciavam-se no Turco que avançava, pondo em perigo a Europa, toda a sua cultura e tradições. Havia ainda as lutas contra as perigosas doutrinas protestantes, que ameaçavam cindir a unidade religiosa até então vigente e que fundamentara a grandeza da *Respublica Christiana*. E, desde o descobrimento também considerado providencial da América e o desenrolar do conhecimento de outras terras, uma terceira missão parecia ter-lhe sido destinada. Era essa incumbência a de ganhar para Cristo as vastas áreas da América e da Oceania.

As tensões entre Portugal e Castela agudizaram-se com as descobertas columbinas. Pelos tratados de Alcáçovas-Toledo as zonas de expansão na costa ocidental africana e águas limítrofes haviam sido repartidas, ficando as Canárias para Castela. Este último reino considerou que as terras recém-descobertas pertenciam à sua área, sendo que o tratado de Alcáçovas tinha em vista o Atlântico oriental e os arquipélagos já descobertos nessa zona. Assim, Fernando e Isabel obtiveram do papa Alexandre VI as bulas em que Roma lhes entregava os trabalhos de missão das novas terras descobertas e a descobrir². Estas bulas eram passadas nos mesmos termos das já obtidas por Portugal para a evangelização nas terras de expansão lusitana em África.

As bulas facultadas a Portugal e Castela permitiam atribuir à colonização ibérica um *cariz religioso, em que a missão era vista como uma finalidade a atingir no campo espiritual*. Portugal, contudo, sustentava a sua interpretação do tratado de Alcáçovas, na qual o estipulado era válido para todas as terras descobertas e a descobrir. Foi o Tratado de Tordesilhas, em 1494, que estabeleceu um meridiano situado a 370 léguas a ocidente do arquipélago de Cabo Verde o qual separava as áreas de influência. A parte portuguesa situava-se a oriente da linha divisória, com exclusão das ilhas Canárias. A ocidente ficavam as terras castelhanas. O problema reacendeu-se com a primeira viagem de circum-navegação, iniciada por Magalhães, uma vez que a marcação das longitudes apresentava ainda sérias dificuldades.

No cumprimento das bulas papais, os missionários começaram a dirigir-se para estas áreas de descoberta recente, a começar pelas Antilhas. Um dos primeiros frades

dominicanos a atingir a Española e a missionar nessa ilha foi frei Domingo de Mendoza. Chegou cerca de 1510, seguindo a rota habitual que levava em direcção primeiramente das Ilhas Canárias e inflectia depois rumo às Columbina³. O seu grande entusiasmo pela vida que abraçara levou-o a começar imediatamente a pregação ainda na ilha de Gomera, antes portanto de atingir o seu destino. O seu propósito era continuar para as Antilhas. Em pouco tempo espalhou-se a notícia da sua fé e santidade. Em certa ocasião, trouxeram-lhe uma mulher por cuja boca, segundo a crença, falavam os espíritos imundos, pedindo-lhe que os expulsasse. No decorrer do ritual do exorcismo perguntou o frade ao espírito qual a sua origem, de onde era e de onde vinha. Forçado a responder, disse o réprobo que vinha das Índias. Logo o missionário deduziu que tal fuga se ficava devendo ao grande estrago que a propagação da fé católica estava fazendo naquelas áreas, afastando as práticas diabólicas das religiões ancestrais. Imediatamente confirmou o diabo esta asserção, lastimando-se dos ataques que tinha sofrido⁴.

Mas, quer a Espanha dos Reis Católicos tivesse ou não essa missão a cumprir, os historiadores da acção evangelizadora da Ordem dos Pregadores em terras da expansão castelhana não deixam de assinalá-la⁵.

O grande navegador quatrocentista Cristóvão Colombo, esteve em Portugal e encontrava-se possivelmente vinculado aos meios comerciais, como seria o serviço da casa Centurione, frequentando igualmente os centros ligados ao mar que, naquela época, se encontravam relacionados. Tendo casado na Madeira com Filipa Moniz, filha de Bartolomeu Perestrelo, é possível que de tal casamento tenha resultado um maior conhecimento dos documentos navais na posse da família⁶. Foi este genovês que, ao serviço dos Reis Católicos, Fernando e Isabel, saiu de Palos, pequeno porto da costa andaluza, em Agosto de 1492.

A Europa tinha ainda consciência de uma unidade cultural, devida principalmente à herança medieval de uma religião comum. Os reis procuraram engrandecer-se, a si ou à dinastia ou ao reino, empreendendo com esse fim as guerras consideradas necessárias e celebrando tratados. Durante o século XV, o papa mantinha ainda na península Ibérica a sua supremacia e as bulas eram geralmente acatadas. Daí que a divisão em esferas de influência entre Portugal e Castela e as bulas papais referentes a essa partilha fossem respeitadas. Colombo navegou utilizando os conhecimentos de marinharia adquiridos em Portugal. Pouco tempo depois de abandonar o porto de Palos, em meados de Outubro do mesmo ano, pisava pela primeira vez as Antilhas, ou seja, a vanguarda de um novo continente, a América. Os novos mares pareciam banhar as margens mitológicas dos conhecimentos antigos: "É Colombo nas Antilhas julgando ter aportado ao Cathay-Cipango"⁷. A rota aberta por este nauta não deixou nunca mais de ser trilhado por missionários, guerreiros e mercadores, vindos da velha pátria espanhola. Mas foi o português Fernão de Magalhães, que, navegando em busca das ilhas odoríferas da canela e do cravo, partiu de Sevilha, em 10 de Agosto de 1519, para uma outra viagem que iria ficar igualmente célebre. Singrando as águas juntamente, a *Trinidad*, *Concepción*, *Santiago* e *Victoria* iriam, no entanto, sofrer destinos diferentes. Foi esta última que atingiu as paragens brasileiras do Rio de Janeiro, rumando depois ao sul até ao rio da Prata. Só à tenacidade do grande navegador português se ficou devendo a continuação da viagem. Os homens encontravam-se exaustos, famintos e desmoralizados. A bordo, a rebelião alastrava, tendo Magalhães mandado executar os cabecilhas. Por fim, melhorando o tempo, conseguiram encontrar a passagem que ligava o Atlântico ao Oceano Pacífico e aventuraram-se a atravessá-la. Os tripulantes da nau *Santo António*, ainda não haviam atingido o final do que

seria denominado estreito de Magalhães e já se punham em fuga, abandonando os companheiros. A *Santiago* naufragou, e, nas embarcações restantes, os homens julgavam chegados os últimos instantes. Vicissitudes de toda a espécie acompanharam esta fatídica viagem até ao falecimento, nas ilhas futuramente denominadas Filipinas, do navegador português, ou, mais precisamente, em Mactan, tomando partido nas lutas entre tribos locais, a 27 de Abril de 1521⁸. A sua substituição final por Sebastião Elcano fez-se depois dos falecimentos dos seus sucessores também provocados pelos naturais. Estes haviam sido Duarte Barbosa e Juan Serrano. Assim, foi o navegador espanhol que concluiu a primeira viagem de circum-navegação (1519-1521), iniciada por um português. Magalhães estava convicto de que as Molucas⁹, famosas ilhas das especiarias, se encontravam fora da área atribuída a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas, pelo que esta perspectiva ao ser apresentada a Carlos V, obteve acolhimento favorável. Daí resultou a expedição em que Magalhães veio a falecer, sempre em busca das ilhas Molucas. Foi em Novembro de 1521 que os sobreviventes, capitaneados por Elcano ou Del Cano, atingiram a ilha de Tidore¹⁰. A *Trindade* dirigiu-se depois para o México, nunca conseguindo alcançar estas paragens. A *Victoria*, no entanto, transportou para Espanha as especiarias, reavivando a rivalidade comercial com os portugueses. Arribou a Sanlúcar de Barrameda a 6 de Setembro de 1522, terminando a primeira viagem de circum-navegação.

Uma vez em contacto com as Filipinas, nunca mais os espanhóis abandonaram estas ilhas, que se contavam por milhares. A população, quase toda de origem malaia, ascendia a umas 600 mil almas quando da chegada dos descobridores. A autoridade política encontrava-se pulverizada, com potentados de força variável, sempre em guerra uns com os outros pela supremacia. Adoravam centenas de *anitos*, deuses maiores e menores. Parecia portanto um bom campo para a propagação da Palavra de Deus. Carlos V ficou entusiasmado com as perspectivas e mandou preparar outra esquadra para consolidar posições e estabelecer postos comerciais. A 24 de Junho de 1525 partia do porto da Corunha, sob o comando de Juan Garcia de Loaisa. Esta foi a primeira de várias expedições que se perderam sem alcançar o seu fim.

As disputas com os portugueses pela posse das ilhas pesaram nas contingências negativas desses empreendimentos. Assim, a esquadra sob o mando de Álvaro Saavedra foi vencida, permitindo os portugueses o seu regresso a Espanha. O vice-rei do México, D. António de Mendoza, recebeu de Carlos V a incumbência de apoderar-se destas ilhas. Com tal fim enviou para oriente, com destino às ilhas das Especiarias, uma outra armada sob as ordens de Rui de Villalobos. Deveria iniciar a colonização das ilhas Filipinas, assim denominadas em honra de Filipe, príncipe das Astúrias. Mas, tendo sido hostilizado pelos habitantes de Mindanau, dirigiu-se mais para norte, para a ilha de Cebu. Os elementos, estavam contra os recém-chegados. O mesmo acontecia com os islenhos e os portugueses. Impossibilitados de permanecer nestas paragens, optaram pelo regresso da esquadra ao México. Só alguns, a título pessoal, permaneceram no Oriente, velejando os restantes para, a América ou para Espanha. Desesperado com as péssimas condições da expedição, Villalobos faleceu em Amboino. Foi a última tentativa de Carlos V para a posse das Filipinas.

Mas se a persistência de Carlos não teve recompensa, o mesmo não aconteceu com a firmeza de Filipe II. O México era um bom ponto de convergência de esforços dirigidos ao Pacífico e, em 1559, o vice-rei, D. Luís Velasco, recebia ordens para preparar a conquista material e espiritual das ilhas Filipinas. A expedição partiu a 21 de Novembro de 1564. Comandava-a D. Miguel Lopez de Legazpi e dirigiram-se para a ilha de Leyte, onde chegaram em Fevereiro do ano seguinte. Estabeleceu tratados de amizade e conseguiu, com paciência

e diplomacia, que os reis locais reconhecessem a soberania de Espanha e aceitassem a religião cristã. As maiores dificuldades consistiam em vencer os portugueses. Estes surgiram em Cebu com uma poderosa armada, comandada por Gonçalo Pereira, mas a chegada de novas forças idas do México obrigaram os portugueses a retirar. Cebu foi escolhida para capital da nova presença espanhola na zona. A cidade começou a crescer, as ilhas vizinhas reconheceram de bom grado a soberania ou foram vencidas. A conquista de Manila pelas tropas de Legazpi, a campanha militar desenvolvida por Juan Salcedo, neto de Legazpi, colocaram as posições mais importantes na posse dos espanhóis. Com Legazpi embarcaram para as Filipinas cinco religiosos de santo Agostinho. Uma vez estabelecidos em Manila, começaram imediatamente as tarefas missionárias, embora fossem poucos para o empreendimento. Dentro em breve chegavam reforços e a igreja nascente começou a ganhar vida e a estender-se a outras ilhas¹¹. Mas as vantagens materiais não devem ter sido suficientemente compensadoras. Os gastos nas campanhas eram avultados e os conselheiros de Filipe II opuseram-se à continuação das expedições guerreiras. Os missionários continuaram a procurar as novas terras, levados pelo fervor religioso. Esta igreja nascente dependia da sede arcebispal, localizada em terras mexicanas. Essa situação manteve-se até 1588.

Domingo de Salazar, que foi o primeiro bispo de Manila, chegou às Filipinas em 1571, acompanhado por um grupo de religiosos franciscanos, além de três jesuítas e um dominicano. O padre Salazar pertencia à província de Santiago do México, era visto como pessoa sabedora das coisas divinas, bom teólogo e cumpridor de suas obrigações religiosas. Foi o empenhamento de Filipe II que conseguiu que a Nova Espanha tivesse o seu bispado próprio e, ao aceitar a incumbência, o novo purpurado conseguiu do monarca a nomeação de uma missão dominicana para a evangelização das novas terras. A viagem foi cheia de precalços e de maus prenúncios. A morte viajava com os religiosos e dos embarcados morreram de peste, ainda antes de atingir o México, dezoito frades. Apenas um, Cristóvão de Salvaterra, prosseguiu depois até às Filipinas, desempenhando em Manila funções de direcção¹². Mesmo antes de embarcar, o sonho da criação de uma província da Ordem dos Pregadores nas Filipinas levou o padre Salazar a solicitar aos superiores do México que dessem os passos necessários à sua criação. O pedido foi endereçado para Madrid e para Roma, para o que foi incumbido da missão um religioso de vida exemplar, o padre João Crisóstomo. As ocorrências funestas da travessia impediram o bispo Salazar de vir a ser, efectivamente, o fundador da província do Santíssimo Rosário. Mas manteve-se em contacto com os esforços realizados nesse sentido, quer em Madrid quer na Cúria, até à concretização de tal anseio, o que viu realizado no ano de 1587, com a chegada dos primeiros religiosos. Para tal esforço, haviam sido auscultados os que tinham autoridade para encaminhar o pedido, desde o papa ao rei Filipe e ao Geral da Ordem, Paulo Constable de Ferrara. Tudo ficou bem gerido, e obteve licença para juntar um grupo de religiosos de vida exemplar, em número de trinta, devendo igualmente nomear substituto para o caso de algo de grave lhe ocorrer. Os dois breves de Gregório XII, datados de 15 de Setembro e 20 de Outubro de 1582, concretizavam a aprovação da Província pelo pontífice. Tudo parecia caminhar no bom sentido. Mas, querendo o padre Crisóstomo seguir viagem para as Filipinas com os seus religiosos, os conselheiros de Madrid negaram-lhe provimento. Não havia compensação económica para os gastos que se anteviam. Com tal fundamento proibiu-se o projecto de seguir em frente. O desconsolo foi grande, quer no México quer nas ilhas. Desalentado, o padre parecia ter desistido. Contudo, algum tempo depois, voltava a insistir no seu pedido. A sua persistência acabou por derrubar os obstáculos, facultando-

-lhes o monarca quase todas as solicitações apresentadas. O rei permitiu o embarque para as Filipinas de um grupo de missionários que se propunham evangelizar em força as numerosas ilhas do arquipélago. Uma vez conseguida esta autorização, destinada a vinte e quatro frades, número já importante para a época, seguiu-se um congregar de vontades de todos os dominicanos para que esse somatório fosse ainda maior. Um convite partiu destinado a todos os conventos da Ordem no reino para estarem presente na reunião que, para tratar deste assunto, iria ter lugar na cidade de Sevilha. Nesse encontro, o padre Crisóstomo renunciou ao cargo de Vigário Geral a favor do padre João de Castro. A partida fez-se do porto de Cadiz, a 17 de Julho de 1586. Os religiosos iam animados de fagueiras esperanças de muitas almas salvas para Cristo. A viagem começou sem incidentes, os religiosos entregues às suas tarefas, dedicando muito do seu tempo à oração e ao estudo. A travessia do oceano, rumo ao México, apresentava para muitos os encantos de uma primeira viagem. Em breve mudou o aspecto do mar. Vagalhões de altura desmesurada cercavam a embarcação, levando cada um a pensar chegados os derradeiros minutos. Mas, mesmo quando a situação parecia mais dramática, os religiosos continuaram a praticar os seus exercícios espirituais e a respeitar os condicionalismos da vida em comunidade¹³. As tormentas não deixaram de perseguir a embarcação e muitos dos frades adoeceram gravemente. Ao atingirem Puebla de los Angeles, já no México, esperavam conseguir algum descanso no convento da sua Ordem, o que realmente aconteceu. Mas, apesar de todos os cuidados, faleceram alguns deles, deixando os outros mais pobres e desconsolados¹⁴.

A dura realidade parecia querer desfazer sonhos. Os mais desanimados e enfermos regressaram a Espanha; outros empreenderam a sua actividade apostólica no México, Província de Santiago. Apenas um reduzido número tomou o caminho primeiramente proposto para exercerem a sua missão nas Filipinas¹⁵. Alguns dos sobreviventes, vencido o desalento, embarcaram para outras regiões. Não obstante estes ajustamentos, de Acapulco para Manila seguiram quinze religiosos. Atingiram Cavite em dia de santa Maria Madalena, seguindo no meio de grande regozijo popular para entrar em Manila no dia 25 de Julho. Aqui a recepção foi comovedora, irmanando-se no mesmo regozijo os religiosos, as autoridades e o povo¹⁶. Recebidos no palácio episcopal pelo padre Salazar, tratou-os este com muita caridade e alegria, como aos fundadores, que eram, da nova Província do Santíssimo Rosário. Enquanto aqui estiveram alojados procurou-se-lhes melhores cómodos. Dedicados a uma vida de estudo e de meditação, pediram os dominicanos que lhes fosse permitido retirarem-se para o convento dos franciscanos, mais pobre e recatado, enquanto outros preferiram ir para Bataan. Devidamente autorizados, fez-se-lhes a vontade. Terão surgido divergências com o bispo? Necessidade de actuar rapidamente em campo onde outras Ordens se encontravam já estabelecidas? Não sabemos. Naquela época a evangelização estava a cargo de alguns clérigos, pequeno número de jesuítas e de agostinhos.

As ilhas estendiam-se por milhares de léguas, mal conhecidas ainda, parecendo ávidas de receber a doutrina cristã. Era necessária mais gente que trabalhasse a messe. Foi nesse sentido que se tomaram as primeiras providências, convidando a ingressar na Província do Santíssimo Rosário pessoas vindas dos conventos do México e de Espanha. Com origem continental contavam-se os mais doutos professores, homens amadurecidos no estudo e no convívio da sagrada teologia, convidados a ingressar pelo Procurador da província de Madrid. Outras vezes, essa convocação dirigia-se a jovens prometedores, de quem a Ordem esperava grande futuro. Por vezes, embora tentando atingir as Filipinas, os religiosos

acabavam ficando pelo México, descoroçoados pela difícil viagem atlântica e temendo a que se seguiria no Pacífico. Também a dura vida conventual, aliada às privações dos primeiros tempos, levaram outros a desistir. Mas havia sempre quem colmatasse essas vagas. E a Província de Santiago acabava por ser uma fonte inesgotável¹⁷.

Toda a vivência da nova Província encontrava-se regulamentada. Primeiramente, pela legislação comum a toda a Ordem; depois, pela constituição da Província que, mantendo, vivo o espírito do Fundador introduzia certas diferenças, com alguma legislação própria e privilégios especiais. Aconselhavam esta especificidade as condições do desenrolar da missionação, a grande distância a que se encontravam Roma e a terra mãe. As decisões, quaisquer que fossem, tinham de ser tomadas e não se podia esperar as demoradas respostas às questões colocadas. Assim as denominadas Ordenações Primordiais que serviram de directrizes para a primeira missão, de 1586, foram escritas pelo padre João de Castro, na Província de Santiago. Entre outras disposições, contavam-se as seguintes:

- Havia que respeitar estritamente a Regra e as Constituições vigentes, não só no essencial, mas também no exemplo a seguir no labor quotidiano. No primeiro caso, contavam-se os preceitos divinos e os votos de castidade, obediência e pobreza. No segundo, os jejuns, abstinência de carnes, não andar a cavalo, guardar silêncio, trajar pobremente evitando todo o tipo de ostentação, preocupar-se unicamente com as coisas divinas, sem esquecer a dedicação à oração e ao estudo., etc.

As *Regras* ou *Ordenações Primordiais* foram assinadas pelos religiosos em 17 de Dezembro de 1586, no México. Impunham igualmente a uniformidade no trajar, as regras a usar no sacramento da Eucaristia, a doutrina a seguir, os cuidados na presença de gente estranha à Ordem, especialmente seculares, a forma e a direcção das missões, a orientação e as doutrinas a aplicar na catequização, a administração dos sacramentos. Ordenava ainda o canto das matinas à meia-noite, as missas de sufrágio a rezar por cada irmão em número de seis e dedicadas aos defuntos da Ordem, entre muitas outras directrizes de carácter geral e particular. Estavam proibidas as visitas de cortesia, mesmo aos grandes senhores, a não ser por motivos religiosos. Apenas o bispo deveria ser procurado e seguidas as suas orientações. Pretendia-se assim afastar do mundo e virar mais para Deus aqueles que se haviam dedicado à divulgação da sua doutrina.. Aconselhava-se a mortificação do corpo, posta em prática de muitas maneiras, pois só por doença lhes seriam retiradas as tábuas onde dormiam e dado um magro colchão¹⁸.

Uma das directrizes oriundas de S. Domingos referia a pureza em todas as acepções. Por isso, ao escrever as normas de vida dos religiosos que o padre Juan de Castro ofereceu aos primeiros fundadores e os sermões alusivos deixavam entender ser aquela uma virtude indispensável. Este rigor de vida colocava no quotidiano as normas antigas, estabelecidas por S. Domingos e algumas delas já caídas em desuso. Por tal motivo, a boa fama dos dominicanos desta Província foi sempre em aumento, sendo dados como exemplares cumpridores das determinações do Fundador¹⁹. A estrita obediência fazia parte das obrigações dos religiosos. E, por necessidade da evangelização, as missões longínquas eram vulgares, enviando o Provincial muitas vezes os considerados mais aptos a terras de missão distantes e perigosas. Assim, eram frequentes as viagens à China, às Molucas, ao Japão, ao Cambodja, permanecendo aqui e aprendendo, por vezes, três ou, quatro idiomas para contactarem com os naturais que pretendiam cristianizar. Os escolhidos eram sempre de superior virtude e dispostos a sofrerem todos os sacrifícios na realização do seu múnus.²⁰.

Este exemplo, em virtude tão dificilmente seguida no Oriente como a castidade, levava a muitas conversões. Os religiosos procuravam através das mortificações corporais,

dos frequentes jejuns e abstinências, da prática dos sacramentos e da oração incrementar e fortalecer essa norma. Era costume viajarem sempre aos pares, nunca em separado, evitarem os meios seculares, principalmente as casas dos grandes e dedicar grande parte do dia ao estudo e meditação.

Outro exemplo de vida encontrava-se na prática da pobreza, em cumprimento do seu voto. Por isso, ao dirigirem-se dos seus conventos para os portos de embarque, pediam pão e água de porta em porta, sem possuírem, nem para comer, nada de seu²¹. A comunidade estabelecida em Santo Domingo viveu muito tempo de esmolas dos neófitos; em casa coberta de folhas permaneceram os primeiros missionários de Pangasinan, e estes exemplos repetem-se.

Os únicos subsídios mais ou menos regulares eram os donativos das missas, mas mesmo esses incertos e reduzidos. A construção de igrejas e seminários, também resultantes de esmolas nos tempos dos primeiros religiosos, eram lentas e as condições dos missionários deploráveis. Talvez por isso, não faltam anúncios de milagres nesses primeiros tempos²², recusando os religiosos, muitas vezes, qualquer tipo de recompensa que pudesse suscitar dúvidas ou apegá-los às riquezas do mundo.

Quando da chegada dos fundadores, passado algum tempo de permanência entre os franciscanos, foram os quinze repartidos pelo vasto domínio religioso que lhes pertencia missionar. O padre Juan de Castro dividiu-os, portanto, seguindo o padre Juan Ormaza, (como vigário), Pedro Bolaños e Alonso Jimenez para a região de Bataan; Gregorio Ochoa, Juan de Castro (sobrinho do vigário geral), Pedro de Soto, Marcos Soria, entre outros, continuaram para Pangasinan, ficando em Manila os padres Miguel de Benevides, como vigário geral, Diego de Soria, Juan Maldonado e o irmão Pedro Rodrigues, para fundarem um convento de estreita observância²³. Foi este o convento de S. Domingos e veio a tornar-se, como desejaram os religiosos que o erigiram, o foco de todas as actividades missionárias desta vasta área. Os seus religiosos ganharam fama de sabedores, dedicados à evangelização e ao estudo. Salazar auxiliou com toda a boa vontade, doando o terreno e uma quantia importante para a época. Vários fidalgos de Manila concorreram com as suas dádivas. No dia de Ano Novo de 1588 foi inaugurada a igreja com muita alegria e comoção. Era uma construção modesta, símbolo desses primeiros tempos, com as paredes e outras estruturas de nipa, palma, madeira e caniçado. Esta pobreza abrigava religiosos de grande saber e virtude, directores de almas, grandes pregadores, homens de comprovada honestidade²⁴. Pouco tempo depois, parte da igreja desmoronou-se, deixando intacto o altar do Santíssimo Sacramento e a imagem da Virgem do Rosário, o que foi entendido como um milagre divino. Com grande fé na Senhora, iniciaram a traça, desta vez de pedra.

A nova igreja foi construída sob a direcção do padre Alonso Jimenez, mas, pouco depois, um incêndio que destruiu parte da cidade danificava-a gravemente. Também desta vez houve que dar graças pela protecção especial que permitiu que a hóstia consagrada não fosse atingida, o mesmo acontecendo com a imagem da Senhora do Rosário.

No ano de 1588 reuniu o primeiro capítulo provincial. Estiveram presentes, recém-chegados do México, os padres Cobo e Luís Gandulio, entre outros dirigentes. A fama do apostolado desenvolvido na província era já grande. O convento de S. Domingos recebeu a 10 de Junho de 1588 todos os dominicanos congregados, da reunião saindo a nomeação dos definidores e do provincial, sendo este último o padre Juan de Castro, que, como vigário geral havia dado boas provas de si, do seu zelo e santidade²⁵. O capítulo reunido aceitou, conforme referimos, as Ordenaciones Primordiales, confirmando a denominação de Santísimo Rosario para a Província. Em 1592, o capítulo geral, em Veneza, ratificou as

resoluções tomadas. O futuro parecia ser de trabalho e de apostolado. Mas em breve as desalinhamentos entre o governador Gomes Perez Dasmariñas afrontavam o bispo nos assuntos de religião. Esta situação chegou a extremos tais que obrigaram Salazar a procurar o caminho de Espanha, para onde embarcou em 1591. A Província designou para seu companheiro o padre Diego de Soria, a quem o governador negou autorização para a passagem. Conseguida para o padre Benevides, passaram os religiosos a Acapulco.

A viagem foi demorada e difícil. Uma vez em Madrid, explicaram ao que vinham e a razão de empreenderem tão perigosa viagem. Da benevolência real obteve Salazar, entre outras mercês, o restabelecimento da Real Audiencia e a divisão das Filipinas em quatro bispados, com a sede metropolitana em Manila. Mas o bispo, doente e gasto pelos anos e pelos trabalhos, não voltou mais a Manila, nem ocupou a sede metropolitana para que fora nomeado. Morreu em Madrid, no inverno de 1594²⁶. Poucos anos antes, em 1590, falecera também o padre Juan Crisóstomo, feliz por ver os progressos realizados. Havia-se confirmado os seus vaticínios. O campo estava plantado, havia de vir a colheita.

Quando regressou, o padre Benavides fora já nomeado bispo de Nova Segóvia. Trazia consigo uma numerosa missão para dar continuidade em força à evangelização das Filipinas. E bem preciso era o entusiasmo dos recém-chegados, pois os mais antigos morriam prematuramente, das enfermidades e dos trabalhos, além de alguns terem alcançado uma idade avançada. Outro perigo parecia avolumar-se no horizonte. Os olhares dos japoneses voltavam-se para as Filipinas e uma possível disputa da terra ameaçava o labor das missões. Os japoneses, comandados por Hideyoshi Toyotomi, senhor supremo da guerra, preparavam-se para a conquista das ilhas. Despertara-lhes o apetite um comerciante em decadência, Harada Kiemon, que a presença dos estrangeiros prejudicava. No memorial que apresentou ao chefe japonês referia-se ao arquipélago como rico, fácil de conquistar e oferecia-se como embaixador para trazer a submissão e vassalagem dos castelhanos. Partiu para Manila, com uma carta arrogante e ameaçadora para o governador das ilhas. Mas chegado a Nagasaquí, a conselho de amigos, entregou a mensagem a Gaspar Harada, seu sobrinho. As ilhas viviam agora no terror dos japoneses. Todos conheciam a fama do conquistador da Coreia e as fracas forças espanholas não lhe podiam fazer frente²⁷. Nesta situação crítica, resolveu o governador enviar como embaixador ao Japão o padre Cobo com uma missiva para o guerreiro japonês. A missão era quase suicida. Pretendia-se, se fosse possível, convencer o senhor da guerra a desistir da ideia de conquista. Com os olhos postos em Deus, saiu o padre de Manila, apenas fortalecido com a benção apostólica. Partiu para Nagasaquí no navio de Lope de Lhanos. Levava alguns presentes para homenagear o guerreiro, mas a missiva não apresentava as esperadas fórmulas de submissão e vassalagem.

Embora se desconheçam os pormenores da expedição e de que modo foi recebida, o ataque às ilhas não se concretizou. O religioso conseguira impressionar favoravelmente o grande senhor japonês. De qualquer modo, satisfeito com o resultado da difícil missão, apressou-se o padre Cobo em regressar a Manila, para sossegar o governador, ao mesmo tempo que enviava por Harada uma carta a dar conta do bom resultado da sua missão. A viagem de regresso não chegou a concluir-se. Possivelmente apanhados por uma tempestade, embarcação e tripulantes desapareceram para sempre. Foi em vão que os esperaram. A carta a anunciar a boa nova chegou ao seu destino, sossegando as autoridades e a população. Mas do padre não houve mais notícias²⁸. Desta forma, pelo sacrifício de um dos seus filhos, começou a Ordem a prestar os seus serviços fora das Filipinas, evitando a guerra, com todo o seu estendal de horrores. Tendo escapado à temida mortandade, as

cerimónias de acção de graças foram realizadas com grande contrição dos pecadores. Ao mesmo tempo, houve manifestações de regozijo pela mercê alcançada.

Outro aspecto da missionação dos dominicanos ligou-se à assistência sanitária às populações. O comércio prontamente estabelecido entre as Filipinas e o México atraiu a Manila muitos mercadores chineses e dos litorais vizinhos. A cidade cresceu e o número de mercadores e artesãos destas proveniências tornou-se considerável. Tendo em vista a evangelização do Celeste Império, começaram os dominicanos a aprender os idiomas e os costumes, de modo a estarem aptos a empreender a missão. Era uma tarefa ingrata, com a aprendizagem do dialecto de Amoy ou de Chancea, assim mencionados na documentação antiga. Nos começos, a missionação dirigiu-se aos mercadores e artesãos residentes na cidade. Em 1588 edificaram uma modesta igreja, um hospital e umas acomodações no povoado de Baybay, nos arredores, para servir essa congregação. Embora os começos fossem modestos, olhava-se não só aos aspectos sanitários, como cuidar dos enfermos, mas também delineavam tentativas de uma aproximação religiosa, sempre que possível. Tais foram os princípios do hospital e do templo de S. Gabriel.

O levantamento de igrejas, embora de estruturas modestas, ao modo da terra, foi uma preocupação dos religiosos. Pela mesma época e com igual finalidade, cuidar da saúde física e espiritual dos habitantes de etnia chinesa, construiu-se a igreja de Binondo. Outro templo, desta vez já em ruínas pelos finais de Quinhentos, foi a igreja de Parian. Tudo isto consumia a saúde e os esforços dos padres, principalmente de Juan Maldonado e Domingos de Nieva e do irmão frei Pedro Rodriguez. A Palavra difundia-se. Em 1587 chegavam os primeiros religiosos pregadores a Bata, ao norte da baía de Manila. Era uma zona de arrozais, servida por uma população muito humilde de camponeses. Imediatamente ergueram uma capela e uma casa no povoado de Abucay, dedicando à evangelização da gente, que, em grande maioria, pouco ou nada sabia da religião cristã. Outros religiosos haviam estado naquela área, mas sem permanência. A população, embora aparentemente recebesse de bom modo as tentativas de aproximação, não queria os sacramentos, principalmente o baptismo, pretendendo serem já baptizados pelos sacerdotes que ali haviam passado algum tempo. E mesmo aqueles que tinham recebido a água baptismal, sem acompanhamento na sua fé, viviam nos costumes e na crença ancestrais, praticando a poligamia e cultuando os antigos deuses²⁹.

Os esforços no sentido de irradiar a embriaguês, a superstição, a usura, foram em breve coroados de êxito. Alguns habitantes diziam não querer o baptismo para não serem obrigados a cumprir as obrigações que o sacramento implicava. Mas, pouco a pouco, com a perseverança dos padres, os costumes tornaram-se mais morigerados. Para tal contribuiu o agrupamento em povoados das populações até então dispersas por vastas áreas, mantendo sempre os religiosos uma vasta acção de missionação. As povoações de Abúca e de Samal nasceram assim desse movimento populacional no sentido centralizador. E, ainda antes de terminar o século outros núcleos estavam criados.

Também a província de Pangasinan mereceu o interesse da Ordem dos Pregadores. De agricultura rica, clima ameno e águas piscosas, os bosques de coqueiros, os arrozais e nipa cobriam grande parte do seu solo fértil. A população era hábil e industriosa e os padres começaram imediatamente a aprender o idioma local. Aqui foi edificado o convento de Binalatongan, a princípio humilde casa de nipa e cana, mais tarde convento de S. Carlos. Mas o recebimento foi mau, opondo-se a gente aos novos costumes e religião. Não sendo conveniente matar os missionários, porque isso equivalia à vingança das armas espanholas, resolveram vencê-los pela fome. Entre perigos, trabalhos e orações, esperaram os padres

ocasião mais propícia à evangelização. Foi a conversão da esposa do chefe local, Casipit, que provocou o abrandamento da tensão. Depois de Graça ter recebido o batismo, logo se seguiu o régulo e seus parentes e gente da corte. A partir dessa altura, as conversões, como era hábito, fizeram-se em massa. As igrejas e conventos surgiram construídos pelos neófitos, que eram de índole religiosa e fiel. Desapareceram os *managanitos*, divindades locais, e por todo o lado crescia a fé de Cristo.

Abundavam os milagres. Tudo era considerado milagre e prodígio pelas populações. Uma jovem que miraculosamente, tendo chamado pela Senhora do Rosário não morreu afogada, um homem salvo de uma perigosa enfermidade. Mas, como o padre Benevides escrevia em carta a Clemente VIII, o maior milagre era certamente a vida santa e mortificada dos padres e o que haviam conseguido alcançar pela evangelização daqueles povos. De tempos a tempos, renasciam as questões com o poder temporal. Os governadores levavam muitas vezes vidas em completo desacordo com a moral, desautorizavam o bispo, praticavam injustiças. Os sacerdotes procuravam encaminhar, em confissão ou no púlpito, mas eram ameaçados com o desterro. Vejamos o testemunho de um religioso que, embora certamente parcial, permite reconstituir o quadro: “El credito y buena fama que siempre han tenido los religiosos de esta Provincia, dentro y fuera de Manila, ha sido grande; si bien nunca han faltado emulaciones, por no decir venganzas. En cierta ocasión,, vivia un gobernador escandalosamente y la Provincia escribió una carta diciendo: que qui se no se enmendaba, predicarian contra su desatinada vida; y de aqui tomó motivo para perseguirnos (...). Otro poderoso, porque la Orden no sufria su mal modo, nos puso com el rey tan mal, que fué menester mucho para purificarnos. A muchos religiosos han querido desterrar, porque han predicado verdades que amargaban. Mas, como se hace por celo de la honra de Dios, siempre Dios nos ha defendido”³⁰.

No vale, entre os rios Itugud e Ibanag, situavam-se as terras de Cagayan.. Flanqueada, por altas montanhas, era uma região habitada por povos altivos e independentes, como os Kianganes, silipanes, mandayas, ipituyes, entre muitos e muitos outros. Falavam dialectos diferentes, e o isolamento levava-os muitas vezes a costumes muito diversos. Nestas ásperas montanhas empenharam os dominicanos as vidas de muitos padres, tentando conquista para Deus estas almas. Os conquistadores espanhóis não se aventuraram no vale, embora o capitão Salcedo tivesse percorrido as costas de Cagayán no ano de 1572, não quisera entrar na região entre os montes. Foi o governador Gonzalo Ronquillo que ordenou a ida de Pablo Carrión com a finalidade de expulsar da foz do rio Ibanag o corsário japonês Tayfusu e de conquistar a terra. Realmente, os japoneses abandonaram aquela área, vencidos pela artilharia. Faltava submeter a gente das montanhas e do vale, o que não parecia representar grande perigo. Contudo, a tarefa aparentemente fácil, levou três séculos a realizar-se. Os povos da planície, desde a costa de Tuguegarao, foram submetidos por Carrion. Estavam muito divididos por lutas e não ofereceram grande resistência.

Com os homens de guerra seguiam igualmente alguns religiosos, entre os quais Cristóbal de Salvatierra e Francisco Rodrigues, este último da ordem de Santo Agostinho. Na cidade de Nueva Segovia, recém-fundada, receberam os Agostinhos uma capela, que logo abandonaram. A crueldade dos soldados para com os povos locais afastou os padres, que nada podiam fazer. Foi então (1594) oferecida aos dominicanos a guarda espiritual destes povos e do presidio da nova povoação. Os religiosos enviados, Diego de Soria e Tomás Castellar, igualmente desanimados, pensavam regressar a Manila quando encontraram alguns religiosos da Ordem, que se dirigiam a Cagayan. Reanimados, vendo

no encontro providencial os desígnios de Deus, recomeçaram com maior entusiasmo o trabalho já assinalado. *Dividiram-se pelos domínios conquistados pelos espanhóis de Carrión.* As igrejas foram surgindo. Primeiro, à moda da terra, de cana e nipa. Depois, desacreditando as crenças locais e as suas divulgadoras, ou sacerdotizas, acabaram por ver as gentes receber e pedir o baptismo. O mesmo aconteceu em Pata, para onde haviam sido destacados os padres Miguel Martin de San Jacinto e Gaspar Zarfate, enquanto Ambrosio Martinez de la Madre de Dios e o irmão Domingos de San Bla se dirigiam a Abulug. Em Pata, imitando as conversões de um notável local, Siriban, e de outros importantes senhores, as populações pediam o baptismo. Os povos de Abulug converteram-se quando dois potentados locais que iam a Manila pedir a expulsão dos padres foram detidos no mar por uma força sobrenatural. Os outros navios prosseguiram a sua rota, só aquele em que viajavam os detractores dos missionários ficou retido³¹. Foram criados muitas povoações e dados ministros e missionários dominicanos a outras. Dummun, Lobo, Nalavangan, Maquilá e muitas outras encontravam-se nestes termos. Algumas, no entanto, permaneceram sem ouvir a Palavra, dada a falta de religiosos.

Em conclusão, podemos afirmar que só a profunda fé e o espírito de sacrifício dos dominicanos permitiram a evangelização das Filipinas. Tal como aconteceu com os dominicanos portugueses no espaço da Expansão, também os espanhóis abdicaram de todo o conforto pessoal e regalias do mundo para se dedicarem inteiramente a Deus e à sua missão na terra: a evangelização dos povos distantes que os descobrimentos portugueses e espanhóis tinham trazido ao convívio da Europa.

¹ Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ Bartolomeu de Las Casas, *Historia de las Indias*, vol. II, México, 1951, p. 54.

² Guillermo Céspedes del Castillo, "America Hispánica", in Manuel Tuñón de Lara (dir.), *Historia de España*, vol. VI, Barcelona, 1988, pp.38.

³ Alejandro Cioranesco, *Cólon Humanista*, Madrid, 1967, p. 81.

⁴ "Bien está, que algun daño me han hecho y hacen; pero por ese bien, que no se sabrá ele secreto de estos cien años". Bartolomeu de Las Casas, *Op. cit.*, vol. II, p. 54. Segundo o frade, o "secreto" era a cegueira dos colonizadores que levava ao tratamento cruel dado aos índios. A perspectiva histórica do intervalo de 100 anos indicados parece ter sido considerado verdadeira: "Si dijo verdad el demonio (como la puede decir, cumpliendo la voluntad de Dios (...))".

⁵ Frei Pablo Fernandez, O.P., *Dominicos Donde Nace El Sol*, Barcelona, 1958, p. 13.

⁶ Luís de Albuquerque, *Colombo*, Lisboa, 1992, p. 15.

⁷ Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria. Utopia e Prática de Navegar Séculos XIII a XVIII*, Lisboa, 1990, p. 66.

⁸ Ver Antonio Pigaffeta, *Primer viaje entorno del globo*, Madrid, 1941.

⁹ Foi um capitão de Afonso de Albuquerque, António de Abreu, que atingiu estas ilhas depois da conquista de Malaca, em 1511. Levava três navios, um dos quais, do comando de Francisco Serrão, naufragou. Foi recolhido pelos naturais e enviado para Ternate, tornando-se o conselheiro do sultão muçulmano. As ilhas de Ternate, Tidor, Motir, Makian e Bachan compunham o arquipélago com alguns ilhéus. A designação estendeu-se posteriormente às ilhas de Amboino e de Banda.

¹⁰ Fermin de Uncilla, *Urdaneta y la conquista de Filipinas*, S. Sebastião, 1907, pp. 6-9.

¹¹ Idem, *ibídem*.

¹² Diego Aduarte, *Historia de la Provincia del Santísimo Rosario de Filipinas, Japón y China*, Zaragoza, 1693, pp. 12-16.

¹³ Diego Aduarte, *Op. cit.*, p. 23.

¹⁴ Pablo Fernández, *Op. cit.*, p. 26.

¹⁵ Antonio de Remesal, *Historia de la Provincia de Chiapa y Guatemala*, Madrid, 1619, p. 675.

¹⁶ Diego Aduarte, *Op. cit.*, p. 23.

¹⁷ Idem, *ibídem*, pp. 15-18.

¹⁸ Hilario María Ocio, "Monumento Dominicana, La Provincia del Santísimo Rosario de Filipinas", in *Archivo de la Provincia del Santísimo Rosario*, cit. in Pablo Fernández, *Op. cit.*, p. 44.

¹⁹ *Archivo de la Provincia del Santísimo Rosario*, cit. in Pablo Fernández, *Op. cit.*, p. 46.

²⁰ Manuscrito do *Archivo de la Provincia del Santísimo Rosario*, cit in Francisco de Paula e Juan de los Angeles, *Parte segunda de la Historia de la Provincia del Santísimo Rosario de Filipinas, Japón y China*, p. 19.

²¹ Diego Aduarte, *Op. cit.*, pp.9, 246.

²² Idem, *ibídem*, p. 72.

²³ Idem, *ibídem*, p. 28.

²⁴ Diego Aduarte, *Op. cit.*, p. 29.

²⁵ Antonio de Remesal. *Op. cit.*, p. 676.

²⁶ Pablo Fernández, *Op. cit.*, p. 29.

²⁷ Diego Aduarte, *Op. cit.*, p. 185.

²⁸ Idem, *ibídem*, p. 222.

²⁹ Idem, *ibídem*, p. 260.

³⁰ Juan Peguero, *Compendio historial e la Provincia del Santísimo Rosario*, *Archivo de la Provincia del Santísimo Rosario*, cit. in Pablo Fernández, *Op. cit.*, p. 61.

³¹ Hilario María Ocio, *Op. cit.*, p. 160.